

Falha no avião atrasa viagem de Sarney

BRASÍLIA — Depois de duas panes no Boeing 707 da Força Aérea Brasileira (FAB) que o levaria ao Japão, com escalas em Manaus, Los Angeles e Honolulu (Havai), o presidente José Sarney embarcou ontem, às 16h20, para Tóquio, com sete horas e vinte minutos de atraso, num DC-10 fretado à Varig por uma quantia não revelada pelo Palácio do Planalto. O embarque foi acompanhado pelo olhar apreensivo do presidente da Câmara, deputado Paes de Andrade, que estreou o exercício do poder.

Nem o próprio Sarney conseguiu disfarçar seu desapontamento ao ser informado da segunda pane — vazamento de óleo numa das turbinas —, às 14h15, quando ele e a comitiva de oito pessoas já estavam no avião. "Coisas da aviação", disse Sarney, enquanto caminhava ao encontro de Paes de Andrade.

Problemas técnicos com aviões que servem o presidente da República sempre aconteceram, mas nunca de forma a quase frustrar o embarque para uma viagem considerada importante, do ponto de vista político e econômico, como esta. No Japão, além dos funerais do Imperador Hiroito, Sarney vai ter um encontro com o presidente dos Estados Unidos, George Bush, no sábado, para conversar sobre dívida externa. A primeira pane foi detectada anteontem à noite e, a segunda, minutos antes da decolagem, embora o porta-voz do presidente, Carlos Henrique Santos, tenha dado a mesma versão do defeito no flap para os dois casos.

O presidente Sarney chegou à Base Aérea, para transmissão do cargo ao deputado Paes de Andrade, às 13h30. Praticamente todo o Ministério estava presente e Sarney posou para fotografias ao lado de Paes de Andrade e do presidente do Senado, Nelson Carneiro. Tudo parecia em ordem. O tapete verme-

lho rolou até a escadaria do Boeing 707 e as turbinas foram acionadas. Ao lado da mulher, Zilda, Paes de Andrade acenou para o presidente Sarney e sua mulher Marly, que embarcaram.

PARTIDA ADIADA

Alguém percebeu, então, que alguma coisa não ia bem, pois o avião não se deslocava na pista. Logo depois, o presidente descia, acompanhado dos integrantes da comitiva. Eram 14h20 e o tempo começava a preparar uma forte chuva.

Até o DC-10 da Varig ficar totalmente pronto foram gastas mais duas horas, que segundo o porta-voz Carlos Henrique seriam recuperadas pelo voo direto até Los Angeles, sem escala em Manaus. De acordo com o porta-voz, o DC-10 estava "de sobreaviso" no Aeroporto Internacional de Brasília, desde anteontem à noite. Carlos Henrique disse que tanto da primeira quanto da segunda vez o problema foi o emperramento do flap. Fontes do Ministério da Aeronáutica, no entanto, confirmaram o defeito apenas no primeiro caso. O vazamento de óleo numa das turbinas foi o que de fato impediu o avião de decolar da Base Aérea de Brasília.

SEM TROCA

Antes de embarcar para o Japão, o presidente Sarney disse que deverá manter importante conversa sobre a dívida externa brasileira com o presidente dos Estados Unidos, George Bush, em Tóquio. Sarney, no entanto, avisou que não é desejo do governo brasileiro negociar, "nem um milionésimo de milímetro", o território amazônico como forma de pagamento da dívida brasileira. "Ninguém no Brasil levaria uma proposta dessa a sério", afirmou ele. "Não há dinheiro no mundo, nem qualquer tipo de compensação, que possa ser trocado pelo território brasileiro."



Mino Pedrosa/AE

Sarney e dona Marly voltam atrás: segunda pane

Para FAB, "panes são normais"

BRASÍLIA — O Boeing 707-320 C da FAB, que é utilizado pelo presidente Sarney em seus deslocamentos internacionais e há 17 dias fez um pouso forçado em Cachimbo, no Pará, sofreu duas panes ontem: uma provocada por vazamento de óleo nas turbinas e outra resultante de falha no sistema de flaps (lâminas estabilizadoras colocadas nas asas do avião).

O Boeing 707, de prefixo KC-137, foi comprado da Varig em 1986, com 57 mil horas de voo. Na época, a FAB se vangloriava de seu preço e boas condições de manutenção. Mesmo ontem, após a segunda pane, às 14 horas, amenizou as proporções do incidente sob a alegação de que "panes são normais na aviação".

A primeira pane, segundo

fontes extra-oficiais, foi notada na noite de domingo, durante inspeção de pós-voo, quando o Boeing 707 chegou no Rio, pouco depois das 17 horas. O pessoal da manutenção preveniu o presidente Sarney da impossibilidade de seguir viagem ontem pela manhã, tanto que ele não foi até a Base Aérea.

A Força Aérea possui quatro aviões do tipo Boeing 707, mas apenas dois estão à disposição da Presidência. Segundo informações do Setor de Transportes da FAB, o Boeing 707, prefixo 2401 que deveria ser usado ontem pelo presidente Sarney, estava dentro dos padrões normais de manutenção, feita sempre no Rio. Manutenções rápidas de pré-voo, pós-voo e outras duas do tipo "alfa" e "bravo" (mensal e semestral)

Presidente avisado pela manhã

BRASÍLIA — Logo que acordou, ontem de manhã, o presidente José Sarney foi avisado pelo ministro do Gabinete Militar, general Bayma Denys, de que os reparos necessários ao avião Boeing 707 poderiam prolongar-se além do previsto. O presidente e sua mulher, dona Marly, já de malas prontas, deveriam aguardar no Palácio da Alvorada, residência oficial, a confirmação do voo. O pessoal de primeiro escalão do governo e as principais lideranças políticas no Congresso não receberam a mesma atenção e, inutilmente, compareceram à Base Aérea de Brasília para as costureiras despedidas ao presidente da República, quando viaja para o Exterior.

Compareceram à Base Aé-

rea, onde só então foram informados sobre o adiamento da viagem, o presidente da Câmara, Paes de Andrade, que assumiu interinamente a Presidência da República apenas às 16h20, quando Sarney embarcou; o presidente no Congresso, senador Nelson Carneiro, e o líder do governo no Senado, Marcondes Gadelha.

Compareceram, entre outros, também os ministros Mailson da Nóbrega, João Batista de Abreu, Abreu Sodré — integrante da comitiva que acompanhou o presidente Sarney — Oscar Dias Corrêa, Antônio Carlos Magalhães, Seiko Tsuzuki — que também participou da comitiva — e Jáder Bar-

são normalmente realizadas no chamado 2º Esquadrão do 2º Grupo de Transporte, sediado na Base Aérea do Galeão, onde, inclusive, os Boeings 707 permanecem estacionados. Além das inspeções feitas a cada voo, o Boeing impedido de seguir viagem passou por manutenção em 21 de setembro e 30 de janeiro.

As explicações governamentais dadas ontem para justificar a contratação do DC-10 da Varig prendem-se a razões de ordem técnica e econômica: o avião reserva da Presidência já tinha seguido viagem com a missão precursora e, entre o Boeing 747 (também da Varig), e o DC-10, ambos usados em vôos instrumentais, a preferência teria recaído sobre o segundo por razões econômicas, uma vez que comporta menos passageiros.